



Trabalho 2 – Literatura – 3º ano

1. (Enem) HELOÍSA: Faz versos?

PINOTE: Sendo preciso... Quadrinhas... Acrósticos... Sonetos... Reclames.

HELOÍSA: Futuristas?

PINOTE: Não senhora! Eu já fui futurista. Cheguei a acreditar na independência... Mas foi uma tragédia! Começaram a me tratar de maluco. A me olhar de esquelha. A não me receber mais. As crianças choravam em casa. Tenho três filhos. No jornal também não pagavam, devido à crise. Precisei viver de bicos. Ah! Reneguei tudo. Arranjei aquele instrumento (*Mostra a faca*) e fiquei passadista.

ANDRADE, O. *O rei da vela*. São Paulo: Globo, 2003.

O fragmento da peça teatral de Oswald de Andrade ironiza a reação da sociedade brasileira dos anos 1930 diante de determinada vanguarda europeia. Nessa visão, atribui-se ao público leitor uma postura

- preconceituosa, ao evitar formas poéticas simplificadas.
- conservadora, ao optar por modelos consagrados.
- preciosista, ao preferir modelos literários eruditos.
- nacionalista, ao negar modelos estrangeiros.
- eclética, ao aceitar diversos estilos poéticos.

2. (Enem) 1. Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito da energia e da temeridade.

2. A coragem, a audácia, a rebelião serão elementos essenciais de nossa poesia.

3. A literatura exaltou até hoje a imobilidade pensativa, o êxtase, o sono. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo de corrida, o salto mortal, o bofetão e o soco.

4. Nós afirmamos que a magnificência do mundo enriqueceu-se de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre enfeitado com tubos grossos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais bonito que a Vitória de Samotrácia.

5. Nós queremos entoar hinos ao homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada também numa corrida sobre o circuito da sua órbita.

6. É preciso que o poeta prodigalize com ardor, fausto e munificência, para aumentar o entusiástico fervor dos elementos primordiais.

MARINETTI, F. T. Manifesto futurista. In: TELES, G. M. *Vanguardas europeias e Modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

O documento de Marinetti, de 1909, propõe os referenciais estéticos do Futurismo, que valorizam a

- composição estática.
- inovação tecnológica.
- suspensão do tempo.
- retomada do helenismo.
- manutenção das tradições.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder à(s) questão(ões), considere o texto abaixo.

*Passadas tantas décadas, estamos de novo preocupados com a modernidade de 22. Os fragmentos futuristas de **Miramar** e a rapsódia de **Macunaíma** são apontados sempre como altos modelos de vanguarda literária. Mas e o que veio depois? Nas melhores obras de autores como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Dalton Trevisan, João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, já se desfaz aquela mistura ideológica e datada de mitologia e tecnicismo que o movimento de 22 começou a propor e algumas vanguardas de 60 repetiram, até virarem em esquema e norma. Saber descobrir o sentido ora especular, ora resistente dessa literatura moderna sem modernismo é uma das tarefas prioritárias da crítica brasileira.*

(Adaptado de: BOSI, Alfredo. “Moderno e modernista na literatura brasileira”. In: *Céu, inferno*. São Paulo: Ática, 1988, p. 126)

3. (Puccamp) O movimento de 22 se inseriu em um contexto econômico de expansão da economia cafeeira que, durante os anos 1920,

- contou com uma política governamental de valorização de seu preço no mercado internacional, em face dos interesses da oligarquia cafeeira.



- b) sustentou-se às custas dos gastos públicos com a compra do excedente de produção, conforme resolução denominada Convênio de Taubaté, em 1926.
- c) mostrou-se crescente até 1924, quando eclodiu uma revolução operária em São Paulo liderada pelos sindicatos de trabalhadores indignados com os privilégios da oligarquia cafeeira.
- d) conheceu seu auge, uma vez que, durante essa década, o café atingiu seu máximo de produtividade no Vale do Paraíba, favorecida pela instalação da Estrada de Ferro Sorocabana.
- e) manteve-se estável até 1929, data da quebra da bolsa de valores de Nova York, que arruinou as exportações de café e marcou o fim do prestígio político das oligarquias rurais no país.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Na América Latina do século XX, em incontáveis momentos, a criação artística articulou-se com utopias ou perspectivas de transformação social. Em diferentes contextos, artistas usaram sua produção para corroborar determinados projetos políticos ou consentiram que suas criações fossem apropriadas e sustentadas por movimentos políticos, dentro ou fora do Estado.

PRADO, Maria Ligia e PELLEGRINO, Gabriela. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 187-188.

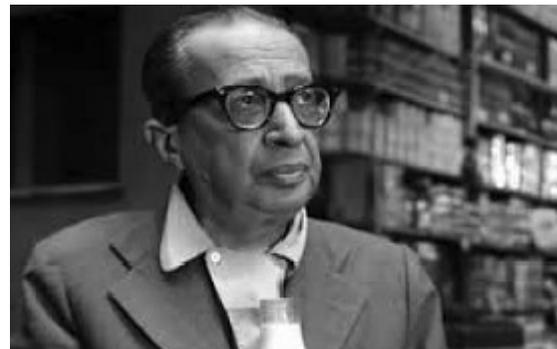
4. (Puccamp) O Modernismo de 22 compreendeu aspirações utópicas, não apenas ligadas ao desempenho artístico, mas a ideais que poderiam nortear o futuro do país.

Parte dessas aspirações utópicas, vazadas em tom crítico e irônico, encontra-se

- a) no prefácio *Lede*, de Gonçalves de Magalhães.
- b) na “binomia” poética com que se definiu Álvares de Azevedo.
- c) no capítulo edificante e final de *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- d) na novela *A hora e vez de Augusto Matraga*, de Guimarães Rosa.
- e) no polêmico manifesto “Pau-Brasil”, de Oswald de Andrade.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Poética



Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de

[apreço ao sr. diretor.

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais

Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção



Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo

De resto não é lirismo

Será contabilidade tabela de cossenos secretário do amante exemplar com cem modelos de

[cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbados

O lirismo difícil e pungente dos bêbados

O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(Manuel Bandeira, in: *Libertinagem*)

5. (Espm) Sobre o poema, verdadeiro manifesto dos ideais revolucionários do Modernismo

de 22, só **NÃO** é possível afirmar que:

- a) repudia os modelos de correção técnica dos parnasianos: obrigatoriedade do verso “fita métrica”, da rima e da pontuação perfeitas.
- b) critica a contenção lírica, a postura protocolar e burocrática na poesia.
- c) condena o preciosismo vocabular e, indiretamente, o sentido frio da palavra em estado de dicionário.
- d) rejeita os moldes sentimentais "fabricados" pela perspectiva, já tão desgastada, do Romantismo.
- e) censura, já perceptível desde o início pelo título, as teorias de versificação em vigor.